

## VARIAÇÃO SOCIOCULTURAL EM TRIAGEM DE FALA

*Luiza Augusta Rosa Rossi-Barbosa<sup>1</sup>*

*Maria do Socorro Vieira Coelho<sup>2</sup>*

*Mirna Rossi Barbosa<sup>3</sup>*

*Antônio Prates Caldeira<sup>4</sup>*

### RESUMO

Este estudo objetivou verificar a existência de variação sociocultural da fala e sua frequência em escolares do primeiro ano do ensino fundamental, além de verificar se os professores eram capazes de perceber as alterações de fala dos alunos. Foram avaliadas 587 crianças de escolas públicas, com idade média de seis anos e seis meses. Observou-se que 29,1% das crianças fizeram apagamento do fonema medial /ɪ/; 8,7% substituíram o fonema /k/ por /y/; e houve substituição do fonema /l/ por /r/ realizada por 9,0%. Acredita-se que tais fenômenos estejam relacionados à variação sociocultural. Registrou-se diferença significativa entre a proporção de crianças consideradas com fala normal pelos professores e os resultados dos testes. Recomenda-se aos professores de ensino de língua materna e aos fonoaudiólogos o respeito a tal variabilidade.

**Palavras Chave:** Variação Sociocultural; Programas de Rastreamento; Deficiências Fonológicas.

### INTRODUÇÃO

Apesar de sabermos, e até comentarmos, que há maneiras diferentes (e corretas!) de se falar uma língua e que há contextos específicos de se usar uma forma e não a outra, ainda assim, por vezes tomamos atitudes preconceituosas e deixamos predominar o que nos foi imposto pela educação escolar e adotamos as mesmas diretrizes avaliativas maniqueístas do tipo certo/errado, culto/inculto. A escola e, conseqüentemente, os profissionais frutos do sistema escolar, enfim, a sociedade como um todo, normalmente reproduzem a prática do preconceito e elaboram estratégias que são usadas para justificar tal atitude, sem, na maioria das vezes, ter consciência de tal fato. Neste artigo, relataremos os resultados das variações e frequência dos possíveis fenômenos identificados ao aplicar um teste de triagem de fala em uma amostra constituída de informantes do primeiro ano do ensino fundamental de escolas públicas do município de Montes Claros – Minas Gerais; a partir disso, verificamos a aplicabilidade desse teste para possíveis adaptações. Por se tratar de uma investigação que necessita dos esclarecimentos de outra ciência, ou seja, que abrange com maior ênfase duas ciências interdependentes, a Fonoaudiologia e a Linguística, comentaremos, a seguir, sobre algumas generalidades teóricas para melhor compreensão do assunto a ser tratado.

---

<sup>1</sup> Responsabilizou-se pela coleta, análise e interpretação dos dados e redação do artigo

<sup>2</sup> Participou da revisão de literatura e redação do artigo

<sup>3</sup> Realizou a interpretação dos dados

<sup>4</sup> Responsabilizou-se pela revisão final do texto

O uso da expressão “preconceito linguístico” em nossa comunidade começou a ser difundido e debatido pelos linguistas brasileiros bem depois de outros, como o “preconceito racial, religioso, a faixa etária, classe social, as doenças contagiosas, o tipo de profissão” etc. (BAGNO, 1999), mas sua prática não é um fato novo na história da humanidade; basta verificarmos os relatos registrados ao longo da história, em que modos diferentes de se falar uma língua, associados a fatores sociais foram manipulados e usados como argumento decisivo em grandes conflitos entre povos de etnias diferentes, culminando, às vezes, em pena de morte: o povo vencedor tinha o direito de dizimar uma legião de homens. Tal fato pode ser verificado no Livro dos Juízes - Antigo Testamento, em que a vitória do povo *guileaditas* sobre os *efraditas* foi arquitetada, julgada, sentenciada e, até justificada, porque o povo de Efraim não pronunciava uma fricativa chiada /ʃ/, ‘Sibólet’, considerada forma padrão superior, pois tinham uma fricativa sibilante /s/ O livro dos Juízes, em seu capítulo 12, versículos 5 e 6, traz este relato ocorrido no rio Jordão:

(...) cada vez que um fugitivo de Efraim queria passar, perguntavam-lhe: "És tu efraimita?" Ele respondia : "Não" \_ "Pois bem, diziam eles então, dize : Chibólét." E ele dizia "Sibólet", não podendo pronunciar corretamente. (...) Naquele dia pereceram quarenta e dois mil homens de Efraim. (Bíblia Sagrada, 1986, p. 291).

O fenômeno de variação sociocultural exposto acima é um dos muitos encontrados em qualquer língua falada. Num país, como o nosso, que possui uma sociedade heterogênea e uma vasta extensão territorial, há fenômenos de variação sócio-cultural que são desconhecidos dos próprios linguistas, principalmente, os que estão relacionados à variação geográfica, localizados em áreas urbanas periféricas e em áreas rurais. A maioria das pesquisas linguísticas retrata como o brasileiro dos grandes centros, capitais, de classes média-alta e alta, escolarizados usam o português brasileiro. Não estamos criticando e/ou desprezando estes trabalhos, pois sabemos que se trata de pesquisas sérias e relevantes; mas ainda não temos informações científicas de como fala a maioria do povo brasileiro, isto é, os falantes do português brasileiro pertencentes à classe média e baixa da área urbana e nem da área rural. Com isso, uma minoria pertencente a uma classe social de prestígio estabelece como *modelo* a sua maneira de falar, *norma culta – variante de prestígio* e, automaticamente, outras maneiras, como a *norma popular – variedade estigmatizada*, são descartadas como o *não-modelo* e, conseqüentemente, *sem prestígio*.

Sabemos que a língua, além de pertencer ao mesmo tempo a vários domínios do conhecimento, como a física, fisiológica e a psíquica, ela é individual e, também social (SAUSSURE, 1995), portanto, na medida em que a comunidade social se desenvolve, desenvolve-se também a língua, tanto territorialmente quanto socialmente, envolvendo nesse processo os indivíduos que usam uma língua como meio de expressão afetivo e intelectual. Numa comunidade, há diferenças relacionadas à escolaridade, faixa etária, profissão, religião, política, classe social,

sexo, espaço geográfico e aos fatos históricos, entre outros, que levam o povo a se organizar em grupos, pois nem todos possuem o mesmo grau de cultura e nem todos fazem as mesmas escolhas. Esses grupos formam-se de acordo com suas semelhanças e afinidades e, com isso, cada agrupamento procura adaptar a língua geral às necessidades próprias e específicas ao seu grupo, atribuindo a palavras, novas significações e, às vezes, algumas peculiaridades de natureza fonética, prosódica, fonológica, morfossintática e lexical.

Não há preconceito linguístico e sim, um preconceito social em relação aos usos linguísticos, através das atitudes avaliativas positivas ou negativas, que podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social. Diante desta constatação, cabe à escola fazer do ensino do português um instrumento através do qual o aluno conheça e compreenda a língua do seu país, a organização da sua sociedade, que caminhos ela oferece e onde se pode chegar ao escolher um caminho e não outro. Se discriminarmos um indivíduo por causa da sua fala, estaremos rejeitando sua representação como sujeito-indivíduo e, também, todos os seguimentos que compõem seu EU: a classe social a que ele pertence, sua escolha política, seu nível de renda e de escolarização, acesso a bens culturais, o espaço geográfico em que ele está inserido, sua etnia, sua crença, sua profissão etc.

Assim como se educa o ser humano quanto à forma de se vestir, de se alimentar é preciso educá-lo quanto aos usos das variedades de uma determinada língua. Trata-se da educação linguística. Se a escola não oferece este conhecimento, não vamos encontrar muitos profissionais competentes pensando de maneira diferente daquela que lhe foi ensinada. Eles apenas reproduzirão o que aprenderam, automaticamente.

Cabe aos educadores<sup>5</sup>, já conscientes e esclarecidos, discutir a questão da variação sociocultural, do preconceito criado por causa do desconhecimento sobre as diversidades, mostrar como a sociedade se posiciona diante de tal fato e como isso reflete na vida de cada um. Aí, sim, a escola estará ensinando a ler, a escrever, informando ao aluno e, particularmente, ao futuro profissional que trabalha em áreas que exigem conhecimentos de linguagem, linguística, fonética e fonologia, e que a escola mostre como a sociedade atribui valores sociais diferentes aos diferentes modos de falar a língua e que tais valores geram preconceitos, criam noções errôneas sobre o certo e o errado no que tange à linguística e, também, como isso reflete em outras instâncias do meio em que ele está inserido, como, por exemplo: a econômica, política e social. Deve-se ensinar, também, sobre a organização da sua comunidade, mostrando as diversidades existentes e como elas se harmonizam em grupos, conforme suas particularidades, sem negligenciar a existência das variedades individuais e linguísticas desses grupos.

---

<sup>5</sup> “A língua e a cultura de cada comunidade linguística devem ser objeto de estudo e de pesquisa em nível universitário”. (Declaração Universal dos Direitos Linguísticos - Art. 30).

Dentre essas áreas de trabalho se incluem: *linguística, ensino de língua materna, ensino de língua estrangeira, planejamento linguística-social, tradução e interpretação, dramaturgia, linguagem dos surdos, linguística computacional, ciência de telecomunicação, zoobiologia, linguística forense, linguística indígena e fonoaudiologia*, requerendo dos profissionais a formação em linguística e, mais especificamente, nas áreas de fonética e fonologia. Neste artigo trataremos da Fonoaudiologia, uma ciência que aborda os distúrbios da fala (motricidade orofacial), da audição, da linguagem e da voz.

Diante do exposto, fica bastante evidente que cabe ao fonoaudiólogo a busca teórica para o esclarecimento e a compreensão da natureza dos desvios de fala e linguagem para, a partir do domínio desse conhecimento, emitir um diagnóstico coerente.

Sabemos que a língua, organismo vivo, evolui constantemente apresentando fases de variação que podem ou não culminar em mudança (ARAÚJO, 1998). Os fenômenos linguísticos surgidos nessas fases fazem parte da história de um povo, que por ela caminham e são passíveis de sistematização. Portanto, o registro do uso linguístico leva-nos ao conhecimento sobre a “vida da língua”. Conhecer o uso de uma língua em um período é conhecer, também, a vida de um povo, pois não há língua sem usuário como também não existe ser humano que não use a língua para viver na comunidade de fala em que está inserido (ARAÚJO, 1998).

Aspectos peculiares ao Português Brasileiro vêm sendo registrados a partir dos anos sessenta em estudos sociolinguísticos que procuram demonstrar a realidade sincrônica e diacrônica da Língua Brasileira. Também tem sido registrados estudos, inclusive no Brasil, objetivando traçar diferenças entre as falas regionais. A variação ocorre em todos os níveis de uma língua: fonético-fonológico, morfossintático, semântico, lexical, estilístico-pragmático e, conforme nos apregoam os postulados da sociolinguística laboviana, toda variação é passível de sistematização, é estruturada, organizada e condicionada por diferentes fatores sociais, tais como: origem geográfica, grau de escolarização, idade, sexo, profissão, status socioeconômico e redes sociais (LABOV, 1972). Poderemos resumir a variação sócio-cultural em: variedades geográficas, responsáveis pelos regionalismos, sendo uma fundamental oposição à linguagem urbana e à linguagem rural; diastrática: variedades oriundas das diferentes classes sociais; diamésica: comparação entre as modalidades oral e escrita, levando em conta a definição de gênero textual; diafásica: variação estilística, conforme grau de monitoramento do usuário linguístico; diacrônica: comparação entre as diferentes etapas da história de uma determinada língua (BAGNO, 2009). Os diferentes condicionamentos para a emergência de usos variantes são as variáveis, que não agem isoladamente. Normalmente, elas são muitas, apresentam natureza diversa e atuam simultaneamente.

Sobroza (2007) escreveu sobre a escola e o preconceito linguístico devido ter vivenciado tal fato:

*Percebemos desde cedo o quanto a escola favorece os mais privilegiados economicamente, tendo sentido ao ingressar na escola, ainda criança, a força da desigualdade. O fato de sermos de família humilde, cuja variedade linguística não reflète a norma culta, nos fez perceber ainda criança que nossa fala revela muito de nós e por ela podemos ser considerados inferiores, menos capazes (SOBROZA, 2007, p. 1).*

As pesquisas sociolinguísticas<sup>6</sup> e geolinguísticas<sup>7</sup> têm subsidiado/contribuído muito o trabalho do fonoaudiólogo, no tocante ao esclarecimento sobre heterogeneidade da língua e seus princípios gerais. Ao analisar um *falar* ou um fenômeno linguístico é necessário que o profissional fonoaudiólogo respeite as variantes regionais de seu paciente conheça os significados sociais atribuídos às formas variantes e tenha consciência do grau de regionalização das variantes (BERTI-SANTOS, 2005). É importante destacar que a noção de desvio utilizada na Fonoaudiologia refere-se a uma questão patológica e não a uma variação decorrente de fatores econômicos, sociais ou culturais. Esse esclarecimento é essencial para que não haja interpretações equivocadas sobre as realizações fonéticas dos alunos, o que poderia reforçar o preconceito linguístico existente em relação às variáveis sociolinguísticas de menos prestígio (GARCIA, 2004).

Segundo a *American Speech, Language and Hearing Association - ASHA* (1982) são consideradas como desordens da comunicação as alterações de fala (articulação, voz e fluência), da linguagem (forma, conteúdo e função comunicativa) e da audição (sensibilidade, função, processamento e fisiologia). São variações da comunicação, a comunicação suplementar (exercida pela utilização de recursos tecnológicos - próteses - para os indivíduos que estejam temporariamente ou permanente impossibilitados de satisfazerem suas necessidades comunicativas) e os dialetos (uso da língua por uma dada comunidade, que reflète e é determinado por influências regionais, sociais ou étnico-culturais).

Com o objetivo de identificar e descrever os diferentes tipos de variação sociocultural utilizada, no início da alfabetização escolar, Barrera e Maluf (2004) pesquisaram três classes de primeira série do ensino fundamental de uma escola pública municipal, localizada na periferia da cidade de São Paulo. A avaliação da variação linguística consistiu em solicitar à criança contar uma história, a partir da observação das figuras de um livro infantil. As verbalizações dos alunos foram audio-gravadas. Encontraram-se variações sócio-culturais fonológicas, lexicais e sintáticas.

<sup>6</sup> Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade.

<sup>7</sup> A geolinguística ocupa-se de estudar as línguas no seu contexto geográfico. Identificar e descrever as áreas linguísticas, conhecer as representações que as pessoas têm dos espaços linguísticos, das suas falas e da sua dinâmica territorial.

O objetivo deste estudo foi verificar as variações sócio-culturais de maior frequência em escolares do primeiro ano do ensino fundamental, em uma cidade da região do Norte de Minas Gerais, e verificar, também, se os professores percebem alterações de fala nas crianças.

## MÉTODO

Nosso estudo tem metodologia transversal descritiva. Foram utilizados o Teste de Rastreamento de Distúrbios Articulatorios de Fala e a Avaliação Diagnóstica da Fala (padrão-ouro) propostos por Goulart (2002). O teste de rastreamento foi adaptado por Rossi-Barbosa (2011) após teste-piloto. Os professores responderam uma pergunta no intuito de verificar se eles eram capazes de perceber alterações de fala em algumas crianças, sorteadas aleatoriamente.

Participaram deste estudo crianças matriculadas no 1º ano do ensino fundamental, das 56 escolas municipais e estaduais urbanas de Montes Claros, MG, avaliadas nos meses de maio a agosto de 2009. Para seleção dos sujeitos, empregou-se a técnica da amostragem por conglomerados. As escolas estaduais contabilizaram 96 turmas e as municipais 54 turmas, totalizando uma população de, aproximadamente, 3.790 crianças. O cálculo amostral foi definido a partir de um nível de confiança de 95%, com precisão de 5% e uma prevalência estimada de distúrbios de fala da ordem de 25%, o que permitiu prever um número de 268 crianças. Este valor foi multiplicado por dois, como fator de correção na amostragem por conglomerado. O cálculo do n, para a Avaliação Diagnóstica da Fala considerou a sensibilidade e especificidade estimadas por Goulart (2002), sendo necessários 227 indivíduos.

A aplicação da triagem de fala foi realizada na própria escola por acadêmicos da área da saúde especialmente treinados. O teste classificou com o termo “normal” todas as respostas adequadas; com a palavra “alterado” a ocorrência de alguma resposta inadequada; e como “inconclusivo” o não reconhecimento pela criança de alguma figura, ou a emissão correta, embora equivocada, exemplos: na figura onde se via um passarinho e ela emitiu papagaio; na figura de um sapato, emitiu bota. Para a avaliação diagnóstica da fala, realizada por fonoaudióloga com experiência clínica de 30 anos, utilizou-se o procedimento de repetição de palavras que correspondem a todos os sons do português, bem como foi solicitado à criança que contasse uma história, a fim de coletar uma amostra de sua fala espontânea.

As informações coletadas foram codificadas e digitadas por meio do Programa *Statistical Package for the Social Sciences* - SPSS, versão 15.0. Para análise dos dados utilizou-se o teste não-paramétrico do qui-quadrado e o nível de significância adotado foi de 0,05.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, sob o número 1236. A aplicação dos testes foi realizada mediante

assinatura pelos pais ou responsáveis do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As crianças que apresentaram problemas de fala foram encaminhadas para tratamento especializado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram avaliadas 587 crianças do primeiro ano do ensino fundamental de escolas públicas de Montes Claros, MG, das quais 61,5% em escolas estaduais e 38,5% em municipais, sendo 50,9% do sexo masculino e 49,1% do feminino. A faixa etária variou entre cinco anos e sete meses e oito anos e sete meses, sendo a média de idade seis anos e seis meses, com desvio padrão de  $\pm 5,06$ .

Das 587 crianças testadas pela triagem verificou-se:

- a. alçamento da vogal média pretônica, em que /e/ átono realiza-se em /i/ - *tesoura* > *tisôra*; *escova* > *iscova*;
- b. monotongação de ditongo decrescente: *tesoura* > *tisôra*;
- c. alçamento vocálico de postônicas átona em que /o/ > /u/ nas palavras *cachorro* > *cachorru* - *dedo* > *dedu* - *gato* > *gatu* - *sapato* > *sapatu* e, /e/ > /i/ em palavras como *chave* > *chavi* e *presente* > *presenti*.
- d. queda da semivogal em ditongo crescente em *relógio* > *relójo* e, em seguida alçamento da vogal postônica final, *relójo* > *relóju*, palavra que também foi pronunciada de uma outra forma, ou seja, possui duas formas em variação: *relógio* > *relóju* ~ *relógi*;
- e. vocalização, na palavra *passarinho* – pronunciada *passarĩ* - da palatal /ɲ/ > /ĩ/, seguido de crase /i/ + /ĩ/ = /ĩ/ e, depois, o alçamento da vogal postônica átona final, /o/ > /u/, monotongação, ou seja: *passarinho* > *passariño* > *passarño* > *passarũ* > *passarĩ*.

Tais realizações linguísticas apresentadas acima foram consideradas como casos de variações pelos aplicadores da triagem, e não como erros. Isso vem corroborar com o trabalho de Barrera e Maluf (2004) no qual afirmam que essas emissões se estendem à maioria dos falantes do português brasileiro, e por isso não são, em geral, estigmatizadas. Algumas das variações fonológicas encontradas pelas autoras em crianças da primeira série de uma escola na periferia de São Paulo foram semelhantes às deste estudo: vogais /e/ e /o/ realizadas em /i/ e /u/ respectivamente, quando ocorrem em posição final não acentuada das palavras (*alegri*, *sorveti*, *trabalhu*, *cachorru*, *denti*, *passarinhu*, *árvuri*); vogais /e/ e /o/ realizadas em /i/ e /u/ respectivamente, (*minino*, *mintira*, *pudia*, *durmia*, *cumida*, *iscola*, *istuda*); redução categórica dos ditongos decrescentes /ei/, /ai/ e /ou/ (*caixa* - *caxa*, *deixa* - *dexa*, *pipoqueiro* - *pipoquero*, *dinheiro* - *dinhero*, *pouquinho* - *poquinho*, *torneira* - *tornera*, *outro* - *ôtro*, *feijão* - *fejão*, *arrumou* - *arrumô*, *limpou* - *limpô*, *ficou* - *ficô*, *pegou* - *pegô*).

Na triagem de fala foram consideradas como “inadequadas” todas as produções dos fones do português brasileiro empregadas não adequadamente incluindo, até mesmo, as formas consideradas

“não-padrão”. Observou-se que houve apagamento do fonema medial /r/ na palavra borboleta por 171 (29,1%) alunos, o /k/ foi emitido como [ku'eɪ̃] [ku'eyu] [ko'eyu] para coelho por 95 (16,2%) crianças; 109 delas (18,6%) emitiram [ 'foyə] para folha, sendo que 51 (8,7%) não pronunciaram este fonema em ambas as palavras, e a palavra placa foi emitida inadequadamente por 79 (13,5%) alunos, sendo que 53 (9,0%) substituíram o fonema /l/ por /r/, ou seja, pronunciaram [ 'praka]. A tabela 1 apresenta em ordem decrescente, tanto os distúrbios de fala, quanto as variações sócio-culturais das crianças durante a triagem, consideradas como erros pelos aplicadores.

**Tabela 1 – Frequência e exemplos de emissões realizadas pelas crianças do 1º ano de escolas públicas do ensino fundamental, consideradas como erros pelos aplicadores do teste de triagem de fala; Montes Claros, MG, 2009.**

| PALAVRA    | N   | %    | EMISSÃO   |
|------------|-----|------|---|
| borboleta  | 194 | 33,0 | [bobo'letə] [bobou'etə] [bole'letə] [bohbo'yetə] [babu'letə]<br>[popo'letə] [pohpo'retə]            |
| fólia      | 116 | 19,8 | [ 'foyə] [ 'foə] [ 'folə] [ 'forɪ̃ə]  |
| coelho     | 106 | 18,1 | [ku'eɪ̃] [ku'eyu] [ko'eyu][ku'eɪ̃lo] [ko'elo] [ 'keyu]<br>[tu'eyu]                                  |
| placa      | 79  | 13,5 | [ 'praka] [ 'paka][ 'pakla]   |
| presente   | 47  | 8,0  | [pe'zətʃɪ] [pe'sətʃɪ][ple'sətʃɪ][pre'sətʃɪ]   |
| tesoura    | 40  | 6,8  | [te'zouə] [tʃɪ'zolə][tʃɪ'solə][tʃɪ'ʒorə][tʃɪ'sorə] [tʃɪ'dolə]<br>[si'sorə][tʃɪ'zoyə][tʃɪ'hoɪ̃]      |
| relógio    | 37  | 6,3  | [he'lozo][he'ɔʒɪ̃u][he'loʒɪ̃][le'loʒɪ̃u][le'loʒɪ̃] [se'rɔʒɪ̃]<br>[he'loʒɪ̃u] [he'yɔʒɪ̃u] [he'hɔʒɪ̃] |
| zebra      | 35  | 6,0  | [ 'zebə][ 'zeblə][ 'sebrə][ 'zele][ 'ze]  |
| chave      | 32  | 5,5  | [ 'savɪ] [ 'safɪ̃][ 'tavɪ][ 'ʃafɪ̃]   |
| cachorro   | 30  | 5,1  | [ka'sohu][ka'toho][ka'ʃolo][ka'ʃoɪ̃]  |
| violão     | 26  | 4,4  | [viou'ãu][vilo'lãu][vio'rãu][vio'yãu][vero'lãu][fio'lãu]  |
| passarinho | 25  | 4,3  | [pasa'lĩ][pasa'ĩ][pasa'wĩ][pata'lĩnu]   |
| banana     | 24  | 4,1  | [mã'nãna] [pã'nãna]   |
| gato       | 14  | 2,4  | [ 'katu] [ 'kaku]   |
| escova     | 13  | 2,2  | [i'kovə][i'tovə][is'kovə][ 'kovə]   |
| lápiz      | 11  | 1,9  | [v'apɪs][ 'lapɪ̃][ 'yapɪs][ 'apɪ̃]  |
| sapato     | 10  | 1,7  | [ʃa'patu][ta'patu][za'patu]   |
| maçã       | 7   | 1,2  | [ma'ʃã][ma'tã][mah'sã]  |
| dedo       | 7   | 1,2  | [ 'tetu]  |
| caminhão   | 3   | 0,5  | [amɪ'ãu][tamɪ'ãu][kame'ãu]  |

Nota: O negrito destaca as produções consideradas variações linguísticas.

Em relação à emissão da palavra placa, Goulart (2002) comenta que este fato pode estar associado às questões sociais, uma vez que em certos meios sócio-culturais, a pronúncia dessa

palavra é aceita como [ 'praka ] Wertzner (1995) avaliou 64 crianças, entre três e sete anos de idade, pertencentes à classe socioeconômica baixa, residentes na cidade de São Paulo. A autora observou que alguns processos fonológicos foram produtivos até aos sete anos e que esse resultado pode ser explicado em função da variante sócio-cultural. As substituições observadas entre as crianças mais velhas restringiram-se praticamente à substituição da líquida /l/ pela líquida /r/ em encontros consonantais e é bastante comum em populações de baixa renda.

A substituição de /l/ por /r/, como por exemplo em “pranta”, “bicicreta”, “compreto”, “broco” são encontradas com frequência (BARRERA; MALUF, 2004, NERY, 2007). A esse respeito, Bagno (1999) comenta:

*Se fôssemos pensar que as pessoas que dizem Cráudia, chicrete e pranta têm algum “defeito” ou “atraso mental”, seríamos obrigados a admitir que toda a população da província romana da Lusitânia também tinha esse mesmo problema na época em que a língua portuguesa estava se formando. E que o grande Luís de Camões também sofria desse mesmo mal, já que ele escreveu ingrês, pubricar, pranta, fruta na obra que é considerada até hoje o maior monumento literário do português clássico, o poema Os Lusíadas. (BAGNO, 1999 p. 41).*

Quanto à realização da palavra, coelho > [ku' eɪ̃] [ku' eyu] [ko' eyu] – folha > [ 'foyɐ], trata-se da vocalização da consoante lateral palatal, fenômeno linguístico bastante antigo que existe desde quando a língua portuguesa chegou ao Brasil, os brasileiros estão, apenas, levando adiante essa tendência presente na língua há muitos séculos. Todos esses processos podem ser explicados pelo funcionamento da nossa fisiologia, já que são sons produzidos pelo nosso aparelho fonador de modo semelhante e em pontos próximos dentro da cavidade bucal; daí a constante troca de um som pelo outro. Para Barrera e Maluf (2004) e Nery (2007) a alternância de /ʎ/ em /i/ ou /y/ é bastante comum e tal substituição caracteriza forma estigmatizada do falar urbano.

Foram selecionadas, aleatoriamente, 244 crianças para que os professores pudessem responder se observaram alguma dificuldade na fala. Na visão delas, 183 (75,0%) alunos não apresentaram problema de fala. Essas 183 crianças haviam passado pela triagem, sendo que 62 (33,9%) delas apresentaram problema na fala (p=0,001) e das 145 crianças que passaram pela Avaliação Diagnóstica da Fala, 49 (33,8%) apresentaram alguma alteração na fala (p=0,001) (Tabela 2).

**Tabela 2 – Total de crianças do 1º ano do ensino fundamental sem problema de fala segundo as professoras versus triagem fonêmica (n=183) e Avaliação Diagnóstica da Fala (n=145); Montes Claros, MG - 2009.**

| Exame       | Normal |      | Alterado |      | Indeterminado |      | Total |     | Significância |
|-------------|--------|------|----------|------|---------------|------|-------|-----|---------------|
|             | N      | %    | N        | %    | N             | %    | N     | %   | p             |
| Triagem     | 25     | 13,7 | 62       | 33,9 | 96            | 52,5 | 183   | 100 | 0,001         |
| Padrão-ouro | 96     | 66,2 | 49       | 33,8 | -             | -    | 145   | 100 | 0,001         |

Em pesquisa realizada por Barrera e Maluf (2004), as variações utilizadas pelas crianças muitas vezes eram desconsideradas pelas professoras e que, com esta atitude, elas estivessem provavelmente evitando interromper o aluno durante sua fala, ou porque a distância entre a fala do professor e a linguagem dos alunos, das classes populares, talvez esteja diminuindo. Pertencer a uma camada social igual ou próxima à do seu aluno, faz diminuir a percepção do professor para discriminar auditivamente as variações sócio-culturais. Mas, segundo estudo realizado com oito professoras, as respostas dadas às questões sobre o conhecimento acerca de variação linguística e sua repercussão na prática docente mostraram que elas, apesar de afirmarem que a escola deve propiciar o conhecimento da língua de prestígio, estão conscientes da necessidade de se respeitar, e não discriminar, a cultura e a fala do aluno (CORDEIRO, 2006). Provavelmente, os professores vêm procurando ter acesso a novas concepções sobre o ensino de língua materna, e, com isso, respeitando os diferentes falares (CORDEIRO, 2009).

As abordagens linguística e sociolinguística oferecem contribuições para que os alfabetizadores compreendam que as diferenças linguísticas de uma determinada língua não significam deficiências, mas diferenças, o que pode impedir a estigmatização de formas de linguagem não-padrão, consideradas muitas vezes como “erradas”, e/ou “feias”. Deve-se ensinar a variante culta do português brasileiro, prescrita pela gramática tradicional em vigor em nosso país, para que o aluno possa compreender que existe outra forma de linguagem a qual deve dominar para ter acesso aos bens culturais de uma sociedade (BARRERA; MALUF, 2004).

Portanto, acreditamos que somente uma pesquisa junto ao corpo docente do nosso estudo irá nos revelar o porquê de elas responderem que as crianças não tinham problema de fala, quando dentre aquelas pesquisadas, algumas apresentaram, sim, alguma dificuldade identificadas pelo padrão-ouro (Avaliação Diagnóstica da Fala).

Das 61 crianças que as professoras responderam ter problema de fala, ao passarem pela triagem, 43 (70,5%) foram consideradas como tendo alguma alteração ( $p=0,001$ ), e das 53 crianças que passaram pela Avaliação Diagnóstica, 37 (69,8%) apresentaram algum problema de fala ( $p=0,001$ ). Dezesesseis alunos foram considerados pelas professoras como apresentando alteração, mas, no teste padrão-ouro (Avaliação Diagnóstica) observou-se emissão normal, pois o que elas apresentaram foi variação linguística (Tabela 3). Este resultado nos levou a concluir que alguns professores deste estudo consideraram as variações socioculturais como erros.

**Tabela 3 – Total de crianças do 1º ano do ensino fundamental com problema de fala segundo as professoras versus triagem fonêmica (n=61) e Avaliação Diagnóstica da Fala (n=53); Montes Claros – 2009.**

| Exame       | Normal |      | Alterado |      | Indeterminado |      | Total |     | Significância |
|-------------|--------|------|----------|------|---------------|------|-------|-----|---------------|
|             | N      | %    | N        | %    | N             | %    | N     | %   | p             |
| Triagem     | 0      | 0,0  | 43       | 70,5 | 18            | 29,5 | 61    | 100 | 0,001         |
| Padrão-ouro | 16     | 30,2 | 37       | 69,8 | -             | -    | 53    | 100 | 0,001         |

Sobre isso, Zorzi (2003) relatou que há uma tendência em considerar certas formas de linguagem como superiores e outras como inferiores e tem-se constatado, com grande frequência, tal tendência entre educadores e até mesmo entre alguns fonoaudiólogos que não sabem distinguir o patológico da variação linguística ou do regionalismo.

## CONCLUSÕES

A variação sociocultural de maior frequência foi em relação à palavra borboleta, havendo apagamento do fonema medial /ř/. Houve, também, substituição do fonema /l/ por /r/ na palavra placa. Ficou evidente que o Teste de Rastreamento em Distúrbios Articulatorios de Fala deve sofrer novas modificações, no que refere às figuras, na tentativa de adequá-lo às variações linguísticas das mais diversas regiões.

Concluimos, ainda, que os professores, bem como os fonoaudiólogos, devem saber distinguir entre o fator patológico e o linguístico de qualquer fenômeno que envolva uma variação sócio-cultural. A variedade linguística dos alunos pareceu-nos merecer o respeito da maioria dos professores e/mas, para que isso seja melhor esclarecido e comprovado será necessário que se faça uma investigação futura apenas com este objetivo.

Assim, como ao professor compete mostrar que há uma variedade sócio-cultural de maior prestígio social, ao fonoaudiólogo compete respeitar essa variedade, não a considerando como distúrbio de fala, e sendo cuidadoso ao realizar uma triagem fonêmica e ao fazer um diagnóstico preciso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mensagem, para que possamos refletir sobre a variação sociocultural anexamos o texto de Bogo do livro “O quati e outros contos”.

### ‘NÓIS MUDEMO’

Fidêncio Bogo

O ônibus da Transbrasiliana deslizava manso pela Belém-Brasília rumo a Porto Nacional. Era abril, mês das derradeiras chuvas. No céu, uma luazona enorme pra namorado nenhum botar defeito. Sob o luar generoso, o cerrado verdejante era um presépio, todo poesia e misticismo.

Mas minha alma estava profundamente amargurada. O encontro daquela tarde, a visão daquele jovem marcado pelo sofrimento, precocemente envelhecido, a crua recordação de um episódio que

parecia tão banal... tentei dormir. Inútil. Meus olhos percorriam a paisagem enluarada, mas ela nada mais era para mim que o pano de fundo de um drama estúpido e trágico.

.....  
As aulas tinham começado numa segunda-feira. Escola de periferia, classes heterogêneas, retardatários. Entre eles, uma criança crescida, quase um rapaz.

— Por que você faltou esses dias todos?

— É que nós mudemo onti, fessora. Nós veio da fazenda.

Risadinhas da turma

— Não se diz “nóis mudemo”, menino! A gente deve dizer: nós mudamos, tá?

— Tá, fessora!

No recreio, as chacotas dos colegas: oi, nós mudemo! Até amanhã, nós mudemo.

No dia seguinte, a mesma coisa: risadinhas, cochichos, gozações.

— Pai, num vô mais pra escola!

— Oxente! Modi quê?

Ouvida a história o pai coçou a cabeça e disse:

— Meu fio, num deixa a iscola por uma bobage dessa! Num liga pras gozação da mininada! Logo eles isquece.

Não esqueceram.

Na quarta-feira dei pela falta do menino. Ele não apareceu no resto da semana nem na segunda-feira seguinte. Aí me dei conta de que eu nem sabia o nome dele. Procurei no diário de classe e soube que se chamava Lúcio, Lúcio Rodrigues Barbosa. Achei o endereço. Longe, um dos últimos casebres do bairro. Fui lá uma tarde. O rapazola tinha partido no dia anterior para a casa de um tio no sul do Pará.

— É, professora, meu fio num guentou as gozação da mininada. Eu tentei fazê ele cuntinuá, mas num teve jeito. Ele tava chatiado demais. Bosta de vida! Eu divia de tê ficado na fazenda coa família.

Na cidade nós num tem veis. Nós fala tudo errado.

Inexperiente, confusa, sem saber o que dizer engoli em seco e me despedi.

.....  
O episódio ocorrera há dezessete anos e tinha caído em total esquecimento, ao menos de minha parte.

Uma tarde, num povoado à beira da Belém-Brasília, eu ia pegar o ônibus quando alguém me chamou. Olhei e vi, acenando para mim, uma rapaz pobremente vestido, magro, com aparência doentia.

— O que é, moço?

— A senhora não se lembra de mim, fessora?

Olhei para ele, dei tratos à bola. Reconstituí num momento meus longos anos de sacerdócio, digo, de magistério. Tudo escuro.

— Não me lembro, não, moço. Você me conhece? De onde? Foi meu aluno? Como se chama?

Para tantas perguntas uma resposta lacônica:

— Eu sou “nóis mudemo”, lembra?

Comecei a tremer.

— Sim, moço. Agora lembro, como era mesmo o seu nome?

— Lúcio — Lúcio Rodrigues Barbosa.

— O que aconteceu com você?

— O que aconteceu? Ah! fessora! É mais fácil dizê o que não aconteceu. Comi o pão que o diabo amassô. E êta diabo bom de padaria! Fui garimpeiro, fui bóia-fria, um “gato” me arrecadou e levou num caminhão pruma fazenda no meio da mata. Lá trabaiei como escravo, passei, fome, fui baleado quando consegui fugi. A escola fais uma farta danada. Eu não devia de tê saído daquele jeito, fessora, mas não aguentei as gozação da turma. Eu vi logo que nunca ia consegui falá dereito. Ainda hoje não sei.

— Meu Deus!

Aquela revelação me virou pelo avesso. Foi demais para mim. Descontrolada comecei a soluçar convulsivamente. Como eu podia ter sido tão burra e má? E abracei o rapaz, o que restava do rapaz, que me olhava atarantado.

O ônibus buzinou com insistência.

O rapaz afastou-me de si suavemente.

— Chora não, fessora! A senhora não tem culpa.

— Como? Eu não tenho culpa? Deus do céu!

Entrei no ônibus apinhado. Cem olhos eram cem flechas vingadoras apontadas para mim. O ônibus partiu. Pensei em minha sala de aula. Eu era uma assassina a caminho da guilhotina.

.....

Hoje tenho raiva da gramática. Eu mudo, tu mudas, ele muda, nós mudamos, mudamos, mudaaamos... Super usada, mal usada, abusada, ela é uma guilhotina dentro da escola. A gramática faz gato e sapato da língua materna — a língua que a criança aprendeu com seus pais, irmão e colegas — e se torna o terror dos alunos. Em vez de estimular e fazer crescer, comunicando, ela reprime e oprime e, cobrando centenas de regrinhas estúpidas para aquela idade.

E os lúcios da vida, os milhares de lúcio da periferia e do interior, barradas nas salas de aula: “Não é assim que se diz menino!” como se o professor quisesse dizer: “Você está errado! Os seus pais estão errados! Seus irmãos e amigos e vizinhos estão errados! A certa sou eu! Imite-me! Fale como

eu! Você não seja você! Renegue suas raízes! Diminua-se! Desfigure-se! Fique no seu lugar! Seja uma sombra!”

E siga desarmado para o matadouro da vida...

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joseph Ildefonso de. A geografia linguística no Brasil. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 4, vol. 10, p. 9-21, 1998.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2009.

BARRERA, Sylvia Domingos e MALUF, Maria Regina. Variação lingüística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, n. 8, vol. 1, p. 35-46, 2004.

BERTI-SANTOS, Sonia Sueli. **Abordagem semântico-lexical do falar sorocabano, com base no questionário do AliB**. São Paulo, 2005. 587 p. (Tese Doutorado) - Universidade de São Paulo.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave Maria. 86. ed., p. 290 e 291, 1986.

COMMITTEE ON LANGUAGE, SPEECH AND HEARING ASSOCIATION. **Communicative disorders and variations**. ASHA, n. 24, vol. 11, p. 9-12, 1982.

CORDEIRO, Dilian de Rocha. Variação linguística: considerações acerca das práticas docentes. In: 29ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. Anais, Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. Variação linguística: os textos do saber e a prática dos professores. In: **32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED**, Anais, Rio de Janeiro, 2009.

GARCIA, Tania Mikaela. \_[.ñCEis'teICE]\_ Processo ou desvio? **Working Papers em Lingüística**, Florianópolis, n. 8, vol. 1, p. 25-47, 2004.

GOULART, B.N.G. **Validação de Teste de Rastreamento de Distúrbios Articulatorios de Fala em Crianças de 1ª Série do Ensino Fundamental Público**. Porto Alegre, 2002. 58 p. (Dissertação Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

NERY, Alfredina. Variações linguísticas: o modo de falar do brasileiro. PÁGINA 3 PEDAGOGIA & COMUNICAÇÃO 2007. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/portugues/ult1693u60.jhtm>> Acesso em 30 dez. 2009.

ROSSI-BARBOSA, Luiza Augusta Rosa *et al.* Prevalência de transtornos fonológicos em crianças do primeiro ano do ensino fundamental. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.**, n. 3, vol.16, p. 330-336, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, p. 16-17, 1995.

SOBROSA, Lidiane Schlotefeldt. Escola x Língua Padrão, Ideologia e Preconceito Linguístico - **Revista Linguagem e Cidadania** – Universidade Federal de Santa Maria, n. 9, vol. 1, p. 1-6, 2007.

WERTZNER, Haydée Fiszbein. Estudo da Aquisição do Sistema Fonológico: o uso de processos fonológicos em crianças de três a sete anos. **Pró-Fono**, n. 7 vol. 1, p. 21-6, 1995.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendizagem Distúrbios da Linguagem Escrita**: questões clínicas e educacionais. Porto Alegre: Art Med, 2003.